

ID: 120029540

09-11-2025

Este é um artigo para colar no frigorífico



Visualizamos sempre um futuro para quem educamos. Mas nem sempre prevemos que filhas e filhos nos desafiem, que vivam de forma diferente da que idealizámos e nos obriguem a evoluir.

A nossa evolução acontece quando nos dispomos a aprender. É possível que nunca nos tenha ocorrido que a nossa filha venha a casar com uma mulher ou que o nosso filho se reveja num género diferente daquele a que nos habituámos. Mas as pessoas lésbicas, gay e bissexuais desafiam a ideia de que o sexo serve apenas para procriar e lembram-nos que nos podemos unir por amor e projeto de vida comum. As pessoas trans mostram que o género não é definido apenas pelos genitais, mas resulta de fatores biológicos, psicológicos e sociais, atravessados por história de vida, linguagem, relações e cultura, combinados de forma singular em cada pessoa.

Pode ser assustador reconhecer que as nossas crianças não correspondem à norma social ou que se desenvolvem num sentido que entra em choque com as nossas crenças.

O momento em que uma pessoa revela a sua identidade de género ou a orientação sexual é sempre delicado, porque pode aproximá-la da família ou expô-la a mais

discriminação. Mas a origem do problema da discriminação não está nas identidades LGBTQ+, está no estigma social.

Escrevo este roteiro para acompanhar mães e pais no momento em que a sua criança ou adolescente sai do armário, uma expressão usada para dizer que a pessoa revela a outras a sua orientação sexual ou identidade de género.

Sugiro que o recorte do Açoriano Oriental e o cole no frigorífico; sugiro que faça uma captura de ecrã e o envie a quem precisa de o ler.

1. A orientação sexual e a identidade de género das nossas crianças e adolescentes não nos avaliam como pais e mães. Mas a forma como as tratamos diz sobre nós.

2. Ninguém é jovem demais para saber quem é. Por volta dos 3 anos, muitas crianças já têm noção do seu género. Entre os 8 e os 14 anos começamos a perceber quem nos atrai.

3. A nossa criança ou adolescente está a dizer quem é e o que sente. Não é uma fase, não é uma escolha, não é um capricho. Ela não está a inventar, nem a seguir uma moda.

4. Nós somos as pessoas adultas. Somos capazes de controlo emocional, mesmo que fiquemos em choque no primeiro momento.

5. Selhes pedirmos silêncio

sobre a sua orientação sexual ou identidade de género, estamos a perder uma oportunidade de aprender sobre as nossas filhas e filhos. Desperdiçar essa oportunidade pode ter efeitos devastadores.

6. A investigação científica demonstra consistentemente que o apoio da família é decisivo para o desenvolvimento saudável de crianças e jovens LGBTQ+.

7. Todas as crianças esperam que as mães e os pais as defendam quando a sociedade não o faz. Aquele momento em que prometemos que faríamos tudo por elas? É agora.

8. Ter informação é ter poder. Há pessoas que só se dedicam a ajudar-nos a

compreender melhor as várias dimensões das nossas identidades. Elas podem ser psicólogas, psiquiatras, professoras, membros de associações LGBTQ+, investigadoras. Estão é distância de um e-mail, de um telefonema e às vezes são amigas de amigas.

9. As mães e os pais não estão sozinhos. a. (A)MAR — Açores pela Diversidade: apfacoresh@gmail.com

b. AMPLOS — Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género: amplos.bo@gmail.com

10. Quando uma criança ou jovem floresce no seu verdadeiro eu, é uma honra sermos suas testemunhas. ■

Perfil



Laura Falésia (ela) é licenciada em Filosofia, em Gestão e mestre em Filosofia Política.

É investigadora no Iscte na área de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional, onde se especializa no sentido de pertença de pessoas LGBTQ+ ao local de trabalho. Co-criou a FLECHA, um projeto de consultoria que trabalha nas áreas da inclusão, identidade e diversidade de género em organizações.

É host do podcast MEMÓRIA FUTURA, onde entrevista mulheres com mais de 80 anos sobre liberdade e futuro.